

TEMPOS DE MEMÓRIA: história, cidade, literatura e memória em A. Tito Filho

Bárbara Bruma Rocha do Nascimento^{1*}
brumabarbara@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho estudaremos a cidade de Teresina a partir de dois livros publicados por A. Tito Filho na primeira metade da década de 1970, são eles *Teresina meu amor* (1973) e *Praça Aquidabã sem número* (1975). A. Tito Filho foi poeta, cronista, historiador, humorista e professor e trouxe para a literatura piauiense, sobretudo a cidade de Teresina nas suas “virtudes e desvirtudes”. Desta forma investigaremos as redes de interlocução entre literatura, história, cidade e memória destacando a construção de uma cidade literária. Estabeleceremos ainda, diálogos com as fontes e pesquisadores que trabalham com a cidade sensível, para além da cidade física tendo A. Tito Filho como um escritor-habitante, que pratica e vivencia a cidade e traz, na sua escrita, a experiência literária, aqui compreendida como registros simbólicos. Falaremos ainda sobre memória, tendo como símbolo principal o Teatro 4 de Setembro. E para enriquecer e colaborar com os diálogos entre cidade, história, literatura e memória, temos Sandra Jatahy Pesavento, Maria Stella Bresciani, Francisco Alcides do Nascimento, Ítalo Calvino, Antonio Paulo Rezende, Ana Cristina Menezes de Sousa Brandim, Jordan Bruno Oliveira, Fernando Catroga, Alessandro Portelli e Jeane Marie Gagnebin.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; Memória; A. Tito Filho

ABSTRACT: In this article we shall study the city of Teresina having as a starting point the two books published by A. Tito Filho during the first half of the 1970's decade. They are *Teresina meu amor* (1973) and *Praça aquidabã sem numero* (1975). A. Tito Filho was a poet, cronist, historian and teacher and brought to the literature that belonged to Piauí, Teresina above it all, with its virtues and unvirtues. In this way, we shall investigate this network of interlocutions between literature, history of the city and memory highlighting the construction of a literary city. We shall yet establish the dialog with the sources and researchers that worked with the sensible city, beyond the physical city, having A. Tito Filho as a habitant-writer that practices and lives the city and brings, in his writings, the literary experience, here comprehended as a symbolical register. We shall speak about the memory, having as main symbol the 4 of September theatre. And to enrich and collaborate the dialogs between the city, history, literature and memory we have Sandra Jatahy Pesavento, Maria Stella Bresciani, Francisco Alcides do Nascimento, Ítalo Calvino, Antonio Paulo Rezende, Ana Cristina Menezes de Sousa Brandim, Jordan Bruno Oliveira, Fernando Catroga, Alessandro Portelli e Jeane Marie Gagnebin.

KEYWORDS: City; Memory; A. Tito Filho.

Artigo recebido em 30/10/2015 e aprovado em 10/01/2016

¹ Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí.

1.1 Teresina, meu amor.

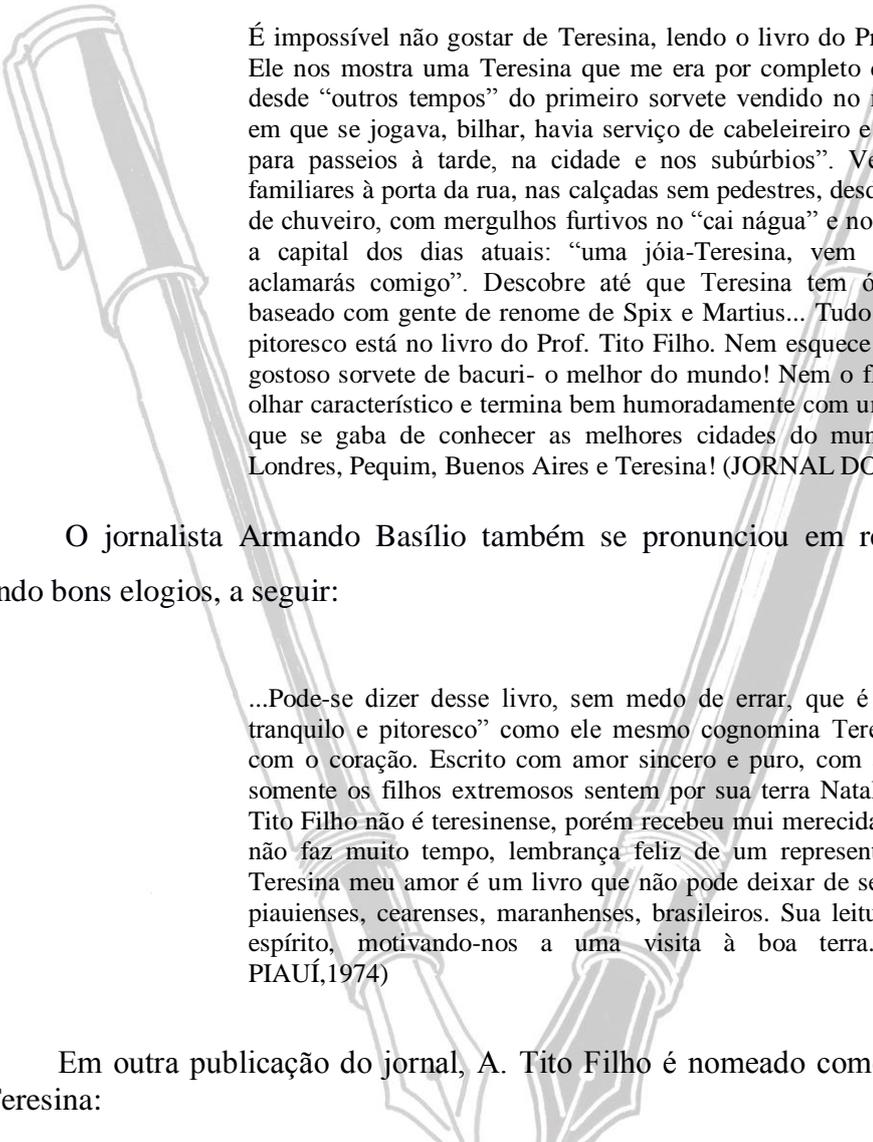
Não há melhor caminho de entrada que aquele dos escritores que perscrutam a cidade com seus corpos e suas penas. Os nomes são muitos. Mas não totalmente ao acaso: *Borges e Sábato para Buenos Aires, Mendonza para Barcelona, Jaques Yonnet e Raymond Queneau para Paris, Pessoa para Lisboa, Joyce para Dublin, Naguib Mahfouz para o Cairo, Elias Khoury para Beirute, Orhan Pamuk para Istambul, Ítalo Calvino para as suas cidades imaginárias e Alessandro Barrico o inventor da City...* como se a cidade, toda cidade, fosse simbolizada por um escritor, por um livro...o mundo da cidade, essa mistura de físico e de mental o escritor o apreende com todos os sentidos, o olfato, a audição, o tato, a vista, mas também com os pensamentos e os sonhos. (MONGIN, 2009, p. 36.)

Para o sociólogo e pesquisador Olivier Mongin, toda cidade possui seus escritores, aqueles que se apropriam, investigam, exaltam, criticam e constroem memórias. Neste trabalho, utilizaremos a literatura para investigar redes de interlocução entre história e cidade. Estudaremos a cidade de Teresina a partir dois livros publicados por A. Tito Filho na década de 1970, que constroem diferentes olhares sobre a cidade. Destacaremos a construção de uma cidade literária. Estabeleceremos diálogos com as fontes e com pesquisadores que trabalham com a cidade sensível, para além da cidade física. Neste trabalho utilizaremos como principais fontes os livros *:Teresina meu amor* (1973) e *Praça Aquidabã, sem número* (1975).

O que classificamos como cidade literária está diretamente ligado às imagens descritas por A. Tito Filho em seus textos. A Teresina das vivências de A. Tito Filho, que permitiram construir as experiências pessoais da cidade. Enunciaremos a outra cidade, para além dos discursos de uma cidade unitária, aqui trataremos da Teresina “afetiva, tranquila e pitoresca”, sobre o “mito do calor”, o “mercado velho” e tantas outras particularidades ressaltadas por esse escritor.

A escrita de A. Tito Filho como testemunho, ponto de partida deste trabalho, seu lugar de fala, temas diversos, pequenos acontecimentos “causas doces e leves, cenas da cidade”. *Teresina meu amor*, título de uma das mais conhecidas obras de A. Tito Filho, teve sua primeira publicação em 1973, tendo mais duas edições em 1974 e 1991. Trata-se de uma coletânea de crônicas que caracterizam a cidade. Nesse livro, A. Tito Filho faz um roteiro sobre a capital piauiense desde o seu “nascer” até as características que apresentava no período em que o livro foi escrito. “Quando eu, menino, cheguei a Teresina em 1932, ainda de calças curtas, a cidadezinha gozava de tranquilidade nunca esquecida” (TITO FILHO, 1973, p.12). O autor fala das suas primeiras impressões ao chegar à capital, uma Teresina ainda simples e acanhada.

Quando da primeira edição de *Teresina meu amor* foi publicada, houve uma grande repercussão no meio intelectual: elogios, comentários e artigos em jornais foram dedicados à obra. Ressaltando as qualidades da obra e a dedicação em que A. Tito Filho teve ao falar de Teresina, alguns letrados e figuras importantes no meio cultural piauiense publicaram elogios à obra de A. Tito Filho, a exemplo de José Expedito Rego:



É impossível não gostar de Teresina, lendo o livro do Professor Tito Filho. Ele nos mostra uma Teresina que me era por completo desconhecida. Vem desde “outros tempos” do primeiro sorvete vendido no recreio teresinense em que se jogava, bilhar, havia serviço de cabeleireiro e aluguel de cavalos para passeios à tarde, na cidade e nos subúrbios”. Vem desde as rodas familiares à porta da rua, nas calçadas sem pedestres, desde o primeiro banho de chuveiro, com mergulhos furtivos no “cai nágua” e no rosa do banco” até a capital dos dias atuais: “uma jóia-Teresina, vem vê-la- brasileiro e aclamarás comigo”. Descobre até que Teresina tem ótimo clima e isso baseado com gente de renome de Spix e Martius... Tudo que pode haver de pitoresco está no livro do Prof. Tito Filho. Nem esquece Maria preá, nem o gostoso sorvete de bacuri- o melhor do mundo! Nem o flerte das garotas de olhar característico e termina bem humoradamente com uma de Juca Chaves, que se gaba de conhecer as melhores cidades do mundo, Tóquio, Paris, Londres, Pequim, Buenos Aires e Teresina! (JORNAL DO PIAUÍ,1974)

O jornalista Armando Basílio também se pronunciou em relação ao livro, tecendo bons elogios, a seguir:

...Pode-se dizer desse livro, sem medo de errar, que é um livro “afetivo, tranquilo e pitoresco” como ele mesmo cognomina Teresina. Livro escrito com o coração. Escrito com amor sincero e puro, com aquele carinho que somente os filhos extremosos sentem por sua terra Natal. E note-se que A. Tito Filho não é teresinense, porém recebeu mui merecidamente a cidadania, não faz muito tempo, lembrança feliz de um representante da boa terra. *Teresina meu amor* é um livro que não pode deixar de ser lido por todos os piauienses, cearenses, maranhenses, brasileiros. Sua leitura nos faz bem ao espírito, motivando-nos a uma visita à boa terra... (JORNAL DO PIAUÍ,1974)

Em outra publicação do jornal, A. Tito Filho é nomeado como o “enamorado de Teresina:

O professor José de Arimathéa Tito Filho, que já é autor de “o problema social da infância”, combustível e alimento, Atualidade do latim vulgar’ e já coordenou, comentou, criticou, etc. diversas obras dentro do plano editorial do Piauí, acaba de lançar mais uma autêntica joia em letra de forma, denominada *Teresina meu amor*”. O livrinho é danado de bom. É bonito por fora e lindo por dentro. Tem capa cor-de-rosa, em plastificação... Nessa obra sumamente palatável, A. Tito Filho desenvolveu toda sua capacidade romântica de amar. Amor distribuído pelas suas coisas, sua terra, sua gente. O estilo é leve, ágil, inteligível, pitoresco, jornalístico e quente. Lê-se o livro de uma “assentada” de ponta a ponta, percebe-se, no livro, a identidade do autor com a capital do Piauí, cidade escolhida por ele para o cenário de sua vida fecunda e cheia de realizações uteis... o livro é um hino de amor a Teresina. Tudo ali é escrito com clareza e ternura.” (JORNAL DO PIAUÍ,1974)

Teresina foi fonte inspiração pra A. Tito Filho, que mesmo tendo nascido em Barras e ter vivido algum tempo no Rio de Janeiro, a capital do Piauí foi a escolhida para receber elogios deste autor. De acordo com ele “Teresina bole com a gente. Meu amor, meu bem querer, minha louvação.” (TITO FILHO,1974. p. 12) A. Tito Filho trouxe para o papel suas observações em favor de Teresina, ao falar sobre os primeiros tempos da cidade, ressalta os primeiros nomes das ruas, que faziam referências a “episódios singelos”:

Todas as cidades do mundo cultivam instantes de puxa-saquismo. Nenhuma foge à regra. Teresina cultivou-o nas denominações de suas ruas - ruas e praças singelas de outros tempos, com nomes singelos tirados das cousas, dos episódios, da fé religiosa, da natureza dadivosa- rua do Bacuri, praça da Santa Casa, rua Larga, Rua Nova, rua das Flores, rua do Fogo, rua da Palma, rua do Pequizeiro, rua da Glória, rua Bela, rua Grade- ruas nas quais a meninada brincava na terra solta, pés descalços, notadamente dia de luar...(TITO FILHO,1973,p.16)

Composto por crônicas que versam sobre a capital piauiense desde a sua fundação em 1852 ao ano em que o livro foi produzido, em 1973. Sobre a fundação de Teresina e seu fundador, José Antônio Saraiva, afirmou A. Tito Filho: “era baiano, menor de 30 anos. Baiano macho, enfrentou séria oposição e constantes ameaças, mas plantou a capital entre dois rios, na Vila Nova do Poti,data Covas, chamada Chapada do Corisco”. (TITO FILHO, 1973,p.11) O livro elucidado encantamento do autor pela cidade e como ela seduz o leitor para que ele sintasse atraído para conhecê-la. Afirma:

Uma lindeza esta Teresina de ontem, de hoje, de amanhã. Afetiva, tranquila e pitoresca. Avenidas espaçosas, boas de passear de pé ou de automóvel... Teresina é um beijo quente de fraternidade. Manhãs e tardes coloridas. Corações alegres. Gente que gosta da humanidade, rezando o poema da convivência irmã. Dá gosto vê-la nas suas virtudes e nas suas desvirtudes. Simples, cativante, vale uma festa para o espírito... Deus é necessariamente cidadão honorário de Teresina. (TITO FILHO,1973,p.85)

Assim A. Tito Filho caracteriza Teresina, ou simplesmente traduz a capital do Piauí de forma pitoresca. O autor fala das suas primeiras impressões ao chegar à capital, uma Teresina ainda simples e acanhada. No decorrer do livro, o autor declara o seu sentimento de pertencimento à cidade apesar das várias transformações ocorridas. Convida os forasteiros a visitá-la: “uma jóia- Teresina. Vem vê-la- brasileiro- e a aclamarás junto comigo” (TITO FILHO,1973,p.85). O autor finaliza a crônica convidando o cidadão brasileiro seja de qualquer estado para conhecer a Teresina - sua jóia. Destaca ainda nomes de personagens importantes para a história da cidade, a

exemplo do Padre Monsenhor Chaves (CHAVES,1998):

Monsenhor Joaquim Ferreira Chaves vai participar da história dos primeiros tempos de Teresina. Sacerdote de Cristo, amado e querido da cidade. Inteligência hábil, pesquisador paciente, recolheu história e estórias- e fez um livro. Monsenhor Chaves representa, na sua vivacidade, no seu modo tão bom de querer bem a todos, a tranquilidade espiritual de Teresina... sempre merece um abraço de gratidão da convivência humana de Teresina pelo trabalho que praticou. Uma cidade que se preza não funciona sem igreja, cadeia, cemitério e mercado. AS igrejas foram surgindo. Conta o bom padre: -Que a igreja do Amparo- a igreja que Monsenhor Chaves reformou com tenacidade- foi inaugurada em dezembro de 1852, sem que estivesse terminada. Matriz da cidade. Continua no mesmo lugar. Ainda hoje o vício brasileiro tem sido inaugurar obras inacabadas... (TITO FILHO, 1973, p.13)

Na crônica *Afetiva*, tranquila e pitoresca, A. Tito Filho faz observações em torno das suas transformações e também das permanências:

Muitos dizem que Teresina tem sofrido mudanças notáveis, em todos os aspectos. A cidade cresceu. Nascida com a igreja do Amparo- edificada entre dois rios- o Parnaíba e o Poti, a cidade atravessou o Poti, onde surgiram novos bairros, e caminha nesse sentido acompanhando Altos, a uns 40 quilômetros de distância. Em cento e vinte e um anos de existência, naturalmente que surgiram bairros por todos os cantos, praças, as ruas ficaram mais compridas para os duzentos e cinquenta mil viventes... Cresceu muito, mas espiritualmente continua a mesma Teresina de ontem. E ontem como hoje: tranquila, afetiva e pitoresca. As cidades nascem com a sua alma, assim como o sal da sua vida. Crescem mas conservam o espírito de quando nasceram. (TITO FILHO, 1973, p. 7)

Antonio Paulo Rezende (REZENDE,2008) afirma que todo o imaginário que se cria em torno da cidade, ultrapassa a concretude de suas arquiteturas e invade a dimensão afetiva. Por mais que se tente classificar as cidades pelas suas funções econômicas, não se consegue esgotar seus mistérios. Uma cidade contem todas as outras, dependendo da direção dos nossos olhares. Na crônica mencionada a seguir, A. Tito Filho faz referência à fundação do Palácio do Governo, seus primeiros tempos e o relaciona aos símbolos que caracterizam a passagem do tempo, na cidade, o prédio de palha, que se transformou em sobrado e que passou a ser Palácio de Karnak:

Na praça onde hoje se situam Hotel do Piauí, Assembléia Legislativa, Poder Judiciário, foi edificado o “palácio” do governo-Grande prédio de palha. O almoço e o Jantar do governador José Antônio Saraiva vinham do Maranhão, outro lado do Parnaíba, mandados pelo fazendeiro português Manuel Domingues Gonçalves Pedreira, da fazenda Boavista, em canoa. Depois o palácio passou a ser um sobrado construído no lugar da atual Delegacia Fiscal. Posteriormente, novo Palácio- o atual prédio do Poder Judiciário, comprado de dona Lina Almendra. Finalmente, Karnak, até hoje. Mas a estória de Karnak é a outra estória, é a estória de cem contos de reis, de barões e baronesas. (TITO FILHO,1973,p.13)

Maria Stella Bresciani define como a quarta porta de entrada (BRESCIANI,1991) da cidade a formação de uma nova sensibilidade e a reeducação dos sentidos do habitante da cidade. Os escritores que trazem a cidade como tema de seus livros, são catalisadores dessas novas sensibilidades, “um olhar armado, ou seja, ensinado a decifrar, a variedade díspare das imagens urbanas” (BRESCIANI,1991, p.10). Podemos observar essa sensibilidade de olhares nos textos de A. Tito Filho, aqui destacaremos o que ele intitulou por “tempos de memória”, no qual ele faz um comparativo dos primeiros anos em que veio morar na capital e todas as singularidades de uma Teresina ainda provinciana, poucas ruas calçadas, trilho para bonde sem o bonde, os dois cinemas e o dois cabarés, faz um percurso entre os anos de 1932 (quando chegou à cidade), 1939 (quando foi embora para estudar no Rio de Janeiro) e 1973 (data da primeira edição de *Teresina meu amor*):

Em 1932- dois cinemas um tipo *poeira*, o Roial, de bancos compridos, sem encosto- especialista em banguê-banguê- era cinema de artista e de bandido- cinema da molecada do meu top; o outro, o Olímpia, estava destinado à alta- roda, ao soçaite de hoje. Ambos de filmes mudos- e lá ia me esquecendo- mudos mas gesticulados, como se os gestos fossem a linguagem e às vezes é, ou pelo menos a transmite, até mais expressivamente. Cinema falado, musicado e sincronizado só em 1933. E dois cabarés famosos, no campo da vida airada: o “Cai Náguas”, de madeira, perto do rio, mulherio de segunda categoria, quase *bofe*, e o da Rosa do Banco, de *pegas vistosas*, frequentado por gente alta, como magistrados, comerciantes abastados, filhinhos-de-papai. Ainda em 1937, de longe eu olhava o “Cai Náguas”, que já não era um mistério para a minha buliçosa pouca idade, mas era permanente convocação. A elegância da cidade, de noite, estava na praça Rio Branco- andança na praça, rapazes num sentido, moças noutro sentido. Namoro de olhos, olhares que falavam e diziam tudo. Tomava-se, e muito, refresco de pega-pinto, diziam que era bom para os rins. Muita garapa de cana, também. Boa de ver e de morar a Teresina de rodas na calçada, de noite, até que a usina elétrica apitasse ou que a polícia militar corneteasse: nove horas. Hora de dormir. Casados e solteiros. Mulher casada e mulher donzela. Exceto nos dias de baile e de forró... (TITO FILHO,1973,p.14)

Continua sua narrativa sobre a cidade, destacando suas experiências e vivências na cidade, com destaque para as “bolinações” no cinema. Observamos que, em mais de um texto, a imagem da mulher morena de cabelos cumpridos que o “iniciou” nas práticas amorosas se faz presente. Temos aqui uma narrativa do ponto de vista da memória como caracteriza Edgar Salvadori de Decca (DECCA, 2004) quando se relata uma experiência, tem-se como intenção encurtar a lembrança e o sentimento que se está vivendo, ter a perspectiva de sua própria experiência, “a memória é algo que a gente quer reter para gente, compartilhar com os outros e fazer com que os outros repitam esse ato de memorização, com a mesma intensidade, com a mesma força e

com a mesma potência com que você tem no momento da sua lembrança”. (DECCA,2004, p.21) Neste ato de rememorar, observamos a narrativa de A. Tito Filho sobre a cidade:

De 1938 em diante, vi, com os olhos que a terra há de comer, *bolinação* em cinema. Pares agarradinhos. Mãos em permanente atividade. Gente alta. Foi um morenã bonito, de cabelos compridos, que me iniciou nas práticas amorosas em salão de cinema. Deixei assim Teresina em 1939. A roda na calçada, o carnaval sem porre de lança-perfume, o mercadão repleto de vendeiros e vendeiras, namoro de olhos e de bolinação, avião que baixava n'água, o hidroavião, quermesses em patamar de igreja, jornal de apelidos e descomposturas, quintas e pomares por toda parte, enterro de gente pobre sem banda de música e de gente rica com a respectiva, tocando um troço que espantava e fazia que a gente tivesse mais medo do enterro do que a morte-uma cidade tranquila, afetiva e pitoresca, em que do meio-dia até uma da tarde quem quisesse fazia pipi no meio da rua, idem depois das nove da noite; ; de velórios de defuntos com mulheres desfiando terços e homens bebendo cachaça ou tiquira, para aguentar o amiudar do galo e a hora da partida do saudoso- *mas uma cidade que encontrei na volta, uns dez anos depois, em busca de transformações- transformações em tudo- embora sempre afetiva, tranquila e pitoresca...* (TITO FILHO,1973,p.27)

A cidade passa a ser “uma máquina de narrar” (BARTHES,1988) expressão utilizada por Roland Barthes, ao discutir a possibilidade de se construir uma semiologia urbana, observando a cidade enquanto símbolo complexo, capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas. Para Barthes, o ponto de partida para se estudar os signos da cidade, seria compreender o poder gerativo da linguagem, que impede que a cidade seja cristalizada em seus emblemas. Os discursos construídos em favor da cidade geram algo que Barthes intitula por “grafias urbanas”, que servem para detectar e decifrar o fio condutor desses discursos, seus códigos internos.

Identificar a imagem da cidade que se forma a partir dos leitores da cidade, criando assim uma consciência perceptível, tendo consciência das funções dos símbolos urbanos. Aqui, utilizamos a escrita de A. Tito Filho como ponto chave para a discussão sobre a cidade e seus símbolos a partir do olhar do escritor-habitante. Para Barthes, todo espaço humano em geral sempre foi espaço de significação, a cidade ocupada por seus habitantes e leitores gerando imagens e impressões. A. Tito Filho sendo ao mesmo tempo criatura da cidade e criador de discursos, depois de ter elencado símbolos e memórias de uma Teresina do passado, chama para si a cidade do seu presente:

1973- tantos anos depois dos brincos juvenis- eu ainda a sinto e a estimo como a mais afetiva, a mais tranquila, a mais pitoresca de todas as cidades do mundo. E tenho razão. Quem aqui chega para o exercício de deveres, ou para serviços de emprego fixado, não quer mais deixá-la. Só se retira o gancho, depois de esgotar os recursos das amigadas protetoras, dos padrinhos, dos

pistolões. Aqui não *há estrangeiros*. Há teresinenses. Poucos meses de assento- e o sujeito está dono da cidade. E merecendo homenagem. E casando por aqui mesmo. E fabricando menino na chapada do corisco. E menino nascendo na Maternidade Evangelina Rosa. Uma jóia- Teresina. Vem vê-la, brasileiro e a aclamarás comigo. (TITO FILHO,1973,p.27)

Essas experiências narradas por A. Tito Filho vão ganhando novos significados, “o tempo vivido era recriado a partir do modo particular pelo qual entendia o seu presente” (BALABAN,2005,p. 18). A. Tito Filho tornou-se narrador e personagem, assumiu o lugar de homem-memória (BALABAN,2005, p.18) podemos observar que não só a cidade é celebrada, a sua figura também é foco das narrativas:

Escritores têm-na definido e revelado: poetas têm-na cantado e exaltado. E são tantos. *De mim, quero-lhe um bem permanente e não a troco por riqueza alguma, por paisagem outra, que seja melhor do que a paisagem teresinense*. Conhecendo-a como conheço, nas suas virtudes e desvirtudes, e por considerá-la tão original nas suas virtudes e desvirtudes- em razão disto desejo que todos a conheçam, que venham vê-la no seu afeto permanente, na sua tranquilidade espiritual, no pitoresco das suas cousas e da sua gente. (TITO FILHO,1973,p.27)

Para A. Tito Filho, existiam ainda pessoas que eram consideradas como símbolo da história e da memória da cidade. Em muitos de seus textos, ele rememora a figura de Maria Preá, uma prostituta muito conhecida na década de 1940. Quando Ítalo Calvino fala da cidade invisível Tamara, chama atenção para os símbolos que dão significados à cidade, “a prisão, a casa de moeda, o bordel... o olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas...” (CALVINO,1990, p.18), é este olhar que procuramos despertar, a cidade que passou a ser texto escrito:

Teresina lembra a Maria Preá. Quem não conheceu, anos atrás, alguns anos atrás, aí pela década de quarenta, a Maria Preá? bem sacudida, passeava as ruas, olhares provocantes como as carnes. Era uma tentação, uma provocação, uma danação. DE Nápoles se diz: ver Nápoles e depois morrer. De Maria Preá se diria: passar uma noite no aconchego do seu calor de vida, já era a própria vida. Não se morria, vivia-se. Popularíssima a divina Preá. Chamariz de desembargadores,também de operários e estudantes sem dinheiro. Um dia Maria Preá foi-se embora. Cada dia mais esbelta, mais desejada eram, porém, poucos os dinheiros para o futuro. E assim foi que arrumou os vestidos berrantes no baú de couro, pegou trem para São Luís, meteu-se na segunda classe do navio da Ita- e deu às praias do Rio de Janeiro. No Rio, Maria Preá era uma festa. Cada dia mais enfeitada, mais cobiçada. Usava chapéu de penacho. Carnes gordas, apetitosas. Jóias em todos os dedos. Pó de arroz, ruge, batom- tudo a enfeitava... (TITO FILHO,1973,p.33)

Ainda sobre a personagem Maria Preá, A. Tito Filho elenca algumas das características que faziam daquela senhora uma teresinense:

Alguns anos de Rio deram boa situação financeira a Maria Preá. Sofisticou-se no trajar, no andar, no falar. O coração, porém, era o coração de Teresina, que não desconhecia os *quebrados*, o operário de salário pequeno e os estudantes de mesada paterna raquítica. Preá tinha nascido para o *amor* da humanidade. Por mais que se enfeitasse, que se sofisticasse, que enriquecesse, que se cobrisse de miçangas e de chapéus espalhafatosos, por mais que forçasse requebros, que se *estrangeirasse*, Maria Preá não escondia o ar brejeiro, o olhar que todos admiravam em Teresina, aquele jeitinho faceiro de gente da cidade pacata. (TITO FILHO, 1973,p.33)

Para Michel de Certeau, a cidade é lugar praticado, a condição da vida urbana é a ação, “à *vitaactiva*” (CERTEAU,1994), o homem urbano não se limita apenas a trocas comerciais ou consumo de símbolos, “praticar um lugar qualificado como urbano é levar em consideração um “tipo de homem”, e lembrar que para os gregos, o espírito da cidade não passa necessariamente por uma inscrição territorial”(MOGIM,2009,p.36), a cidade ultrapassa as condições territoriais, possibilitando assim experiências singulares, que desenvolvem outros níveis de saberes, outras linguagens.

Ao classificar a cidade como o teatro da vida ativa, Olivier Mogin caracteriza a experiência urbana enquanto uma encenação que permite aos urbanos “se expor”, se exteriorizar. A cidade não cede lugar a uma oposição entre sujeito individual - desfrutador de uma experiência corporal sempre reinventada- e uma ação pública organizada, ela gera uma experiência que entrelaça o individual e o coletivo, “ela se coloca, ela própria, em cena, deitando palcos nas praças”.

A cidade é capaz de orquestrar relações entre termos aparentemente antagônicos, uma dialética interminável, a exemplo do que é público e privado, e os escritores constroem seus discursos em favor dessa dialética. Para Olivier Mogin, a primeira linguagem que permite qualificar a experiência urbana é a do poeta e a do escritor, “a das palavras e de sua rítmica” (MOGIM,2009,p.41), A. Tito Filho, procura criar roteiros da cidade dentro da sua escrita, evidenciando os bairros, as praças e a própria experiência da dimensão corporal que o habitante vivencia, “a cidade vista como um corpo e a cidade vista como um tecido de trajetórias corporais infinitas” (MOGIM,2009,p.41), A. Tito Filho constrói um roteiro a partir do aeroporto, no momento em que o visitante desce do avião e se depara com “a pracinha bem cuidada, onde a noite os namorados se beijam...”, a seguir:

De avião, como é óbvio, descerás, brasileiro ou brasileira de outras plagas- no aeroporto de Teresina. Alegre e festivo. Um encanto para visitaçao. Dois andares. Defronte a pracinha bem cuidada, onde de noite os namorados se beijam, sem nenhum receio. Do aeroporto, tomando rumo da esquerda,

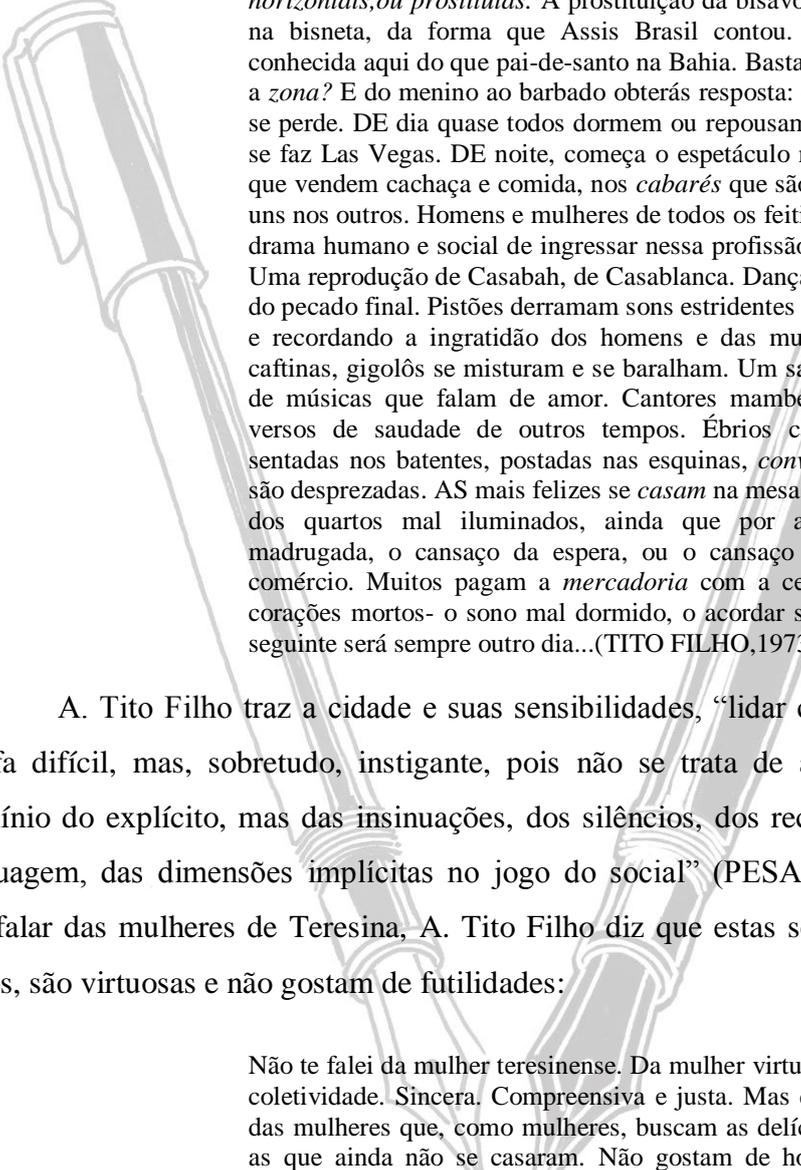
alcançarás o bairro proletário Poti Velho- com a igrejinha mais do que centenária e o Poti de boa pescaria. Asfalto em todo o percurso pintado de casinhas humildes, em que mora gente acolhedora. Tomando o rumo da direita, comprida avenida- habitada de classe média- e os dois velhos cemitérios superpovoados. O Instituto de Educação. Aqui seguirás pela esquerda- para que atinjas a zona militar, a estação da estrada de ferro, a Avenida Frei Serafim- e poderás seguir pela esquerda, até que encontres o Poti e alcances bairros novos, o do Jóquei Clube e o São Cristovão, nos quais habita uma pequena burguesia quase classe média. Caso não queiras, cortarás a Av. Frei Serafim para novos bairros- a Piçarra, a Catarina, Cristo Rei, Monte Castelo, onde se ergue a majestosa TV- Rádio Clube. E poderás prosseguir para o encontro com a Vermelha, com o Estádio Albertão, com a monumental ponte sobre o Parnaíba que te levará a Timon (Maranhão), Caxias, São Luís. Se não quiseres cortar a Frei Serafim, poderás dobrar à direita, e percorrer essa Avenida de beleza. Estarás no coração de Teresina, igrejas, Karnak, praças, zona bancária, zona comercial, cinemas, gente que se acotovela, que ruma problemas, *que às vezes caminha para espalhar...* (TITO FILHO,1973,p.13)

A. Tito Filho, traz em sua escrita a experiência de existir na cidade, em uma época em que os “homens entrecortados pelas sutilezas de uma vida urbana, matizados pelas forças do cotidiano, vivendo a experiência do choque frente a um mundo em efervescente transformação” (ANDRADE,2015,p.264), fazendo com que a cidade seja exaltada e vivenciada por seus habitantes, tendo nas suas narrativas a valorização deste espaço. Símbolos da cidade, como a Praça Rio Branco, a Praça da Bandeira, os Rios Parnaíba e Poti e suas lavadeiras, a Igreja São Benedito, a Rua Paissandu- conhecida como a zona de meretrício da cidade, fazem parte do que A. Tito Filho intitula de “roteiro de Teresina”:

Aqui tens a praça Rio Branco, o coração comercial da cidade. De manhã, mulatas, morenas, louras, casadas e solteiras, brotos, coroas e matronas circunspectas, praticam o entra e sai, visitando as dezenas de casas comerciais, existentes na praça e nas ruas vizinhas. Senhores sisudos, estudantes, gente de todo naipe- paqueram, conversam, trocam dedos de prosa e contam as últimas sempre com um aumentozinho- o aumentozinho maledicente. Há encontro de poetas, jornalistas, de intelectuais. DE tarde, a partir das 16 horas, a movimentação, é intensa. De noite a praça fica deserta, como cidade abandonada de cinema de bandido norte americano. No rumo do rio Parnaíba, saindo-se da Praça Rio Branco, chegarás ao Parque da Bandeira- bem cuidado, bem cercado, paraíso da criança e convite ao descanso. Pares de namorados, nos bancos, dão mais graça à festiva paisagem verde. Defronte do parque, o Hotel Piauí, linhas modernas, elegante, luxuoso. Um dia percorri todos os seus aposentos, mostrando-os a um casal amigo que se acompanhava de uma senhora viajada, recém-chegada com o esposo, para habitar a cidade. E ela me disse: - Nem em Paris vi hotel como este. (TITO FILHO,1973,p.50)

A narrativa de A. Tito Filho é perpassada por elementos tanto estruturais quanto temáticos que fazem da cidade e espaço de confronto entre “um mundo inserido na temporalidade, sujeito à mutabilidade e à destruição, e a busca pela a constituição de

um espaço ideal... associado a eternidade” (ANDRADE,2015,p.265). É nesse confronto entre o mutável e o permanente que A. Tito Filho faz de Teresina “afetiva, tranquila e pitoresca”, a cidade de ontem e a cidade de hoje, vividas na sua escrita:



Haverá de ver o bas-fond da rua Paissandu, perto da beira do rio Parnaíba. Bem sabes que beira de rio fabrica geração de *mariposas, ou pegas, ou horizontais, ou prostitutas*. A prostituição da bisavó na avó, na filha, na neta, na bisneta, da forma que Assis Brasil contou. A rua Paisandu é mais conhecida aqui do que pai-de-santo na Bahia. Basta que perguntes: -onde fica a *zona*? E do menino ao barbado obterás resposta: -Moço, vá por ali que não se perde. DE dia quase todos dormem ou repousam esperando a noite, como se faz Las Vegas. DE noite, começa o espetáculo nos botequins, nos *freges*, que vendem cachaça e comida, nos *cabarés* que são muitos e quase grudados uns nos outros. Homens e mulheres de todos os feitios- mulheres que vivem o drama humano e social de ingressar nessa profissão de que a bíblia dá conta. Uma reprodução de Casabah, de Casablanca. Dança-se e bebe-se muito antes do pecado final. Pistões derramam sons estridentes repetindo sambas de amor e recordando a ingratitude dos homens e das mulheres. Boêmios, cáftens, caftinas, gigolôs se misturam e se baralham. Um saxofone vomita a dolência de músicas que falam de amor. Cantores mambembes arrancam do peito versos de saudade de outros tempos. Ébrios cambaleiam. As meninas, sentadas nos batentes, postadas nas esquinas, *convocam*, mas quase sempre são desprezadas. AS mais felizes se *casam* na mesa da bebida e no aconchego dos quartos mal iluminados, ainda que por alguns instantes. Com a madrugada, o cansaço da espera, ou o cansaço da noite de álcool e de comércio. Muitos pagam a *mercadoria* com a ceia madrugadina. Olhos e corações mortos- o sono mal dormido, o acordar sem horizontes- mas o dia seguinte será sempre outro dia...(TITO FILHO,1973,p.54)

A. Tito Filho traz a cidade e suas sensibilidades, “lidar com a sensibilidade é tarefa difícil, mas, sobretudo, instigante, pois não se trata de algo que se situe no domínio do explícito, mas das insinuações, dos silêncios, dos recursos metafóricos da linguagem, das dimensões implícitas no jogo do social” (PESAVENTO,2003,p.223). Ao falar das mulheres de Teresina, A. Tito Filho diz que estas se comunicam com os olhos, são virtuosas e não gostam de futilidades:

Não te falei da mulher teresinense. Da mulher virtuosa, plena, de dedicação à coletividade. Sincera. Compreensiva e justa. Mas devo falar-te notadamente das mulheres que, como mulheres, buscam as delícias do flerte e do namoro, as que ainda não se casaram. Não gostam de homens fúteis. Admiram a inteligência masculina, os gestos de delicadeza, o desprendimento. Não se encantam com riquezas materiais. Pelo contrário, escravizam-se ao espiritual, à grandeza de sentimento. As exceções confirmam a regra. E uma característica de nossas meninas: começam a revelar o amor, o sublime sentimento do amor, com o olhar- com a linguagem que as garotas de Teresina inventaram. Com os olhos dizem tudo. É necessário que com os teus olhos sintas a mensagem que vem dos olhos delas. Nunca te declares a garota de Teresina sem que tenhas recebido a aprovação do seu olhar, pois os seus olhos sabem falar a linguagem que vai direto ao coração, para depor o que o coração de cada uma está sentindo. A teresinense tem olhos de querer e de não querer...(TITO FILHO,1973,1973)

A. Tito Filho finaliza *Teresina meu amor* falando do processo de

“Teresinação”, verbo que ele cria para aqueles que visitam ou habitam a cidade de Teresina, relembra os nomes de alguns bairros antigos e fala de saudade:

Deste preferência ao regresso. Não pudeste ficar. Mas participaste de um processo de *teresinação* dos teus sentimentos. Estiveste no patamar da igreja São Benedito? Com certeza... Saudade dos bairros velhos, -a Barrinha, a Vermelha, o Mafuá, o Buraco da Velha, o Barracão, os Cajueiros, a Baixa da Égua, São Raimundo, Piçarra, Poti Velho, Teso Duro, Poções, Noivos, Catarina, São Joaquim, Matadouro, Pirajá, Estrada Nova, Pacatuba- saudade das ruas de outros nomes- Amparo, Glória, Estrela, Negros, Fio, Grande, Bela- nomes que se transformaram em homenagem- uma saudade- uma saudade sem lágrimas, a pior de todas, parada na garganta...(TITO FILHO,1973,p.72)

Fala ainda sobre as noites na cidade, seus divertimentos “os pares agarradinhos”, a noite é o momento onde os sons ecoam pelas ruas, tem o aspecto romântico, os conquistadores, as experiências boêmias, os encontros populares, a *Teresinação* e a cidade dos estrangeiros e dos teresinenses:

As noites aqui foram feitas para o amor- e na quase escuridade dos cinemas, nas esquinas estratégicas, nos bancos das praças de encanto, verás os pares agarradinhos, arrulhando afeto, cheirando-se, polícia distante, gente que passa fazendo que vê. Juca Chaves costuma dizer no Rio de Janeiro: -se peito fosse buzina ninguém dormia em Teresina. Se já a viste, brasileiro de paisagens tantas, ou irmão de outras terras, da Oropa, França e Bahia, Teresina viverá em teu coração. Se não quiseste ficar, porque assim foi tua determinação, volta- e se ainda não conviveste com este trecho de grandeza humana- vem, Teresina te espera, buliçosa, mas sempre afetiva, tranquila e pitoresca. (TITO FILHO,1973,p.79)

Toda cidade possui marcos de memórias peculiares, diferenciadas, multifacetadas (MATOS,2007,p.79) falaremos ainda da cidade que A. Tito Filho citou e recitou manifestando aspectos da vivência cotidiana, urbana e particularmente das suas experiências afetivas.

1.2 Tempos de memória

1932, encontrei toda a vida social artística em torno do Teatro 4 de setembro, era uma casa de espetáculo que vivia no coração da família teresinense, desconfortável, cadeira de pau, pouca circulação de ar, muito quente, mas ainda assim o teatro vivia constantemente pleno de assistentes, pleno de plateia, eu diria que o teatro tinha um público certo, um público que o lotava, quando vinham aqui as grandes companhias teatrais de humorismo, humorismo até sadio, meio brincalhão, humorismo jocoso. Quando o nosso grande Pascoal Carlos Magno representou o Charles P. no Teatro 4 de setembro ou Macbeth ou Otelo, o teatro esteve praticamente seco de gente, não houve ninguém, porque não havia a mentalidade popular, não havia nem da classe média, nem das elites talvez, se não de algum punhado da elite intelectual, mas não havia quem compreendesse aquele ensaio de Charles P., a vida de Teresina era, existia toda em torno desse teatro, ali houve os

grandes bailes no tempo da república,bailes maravilhosos foi ali que Coelho Neto dançou em 1899 e deixou de presente à Teresina à intitulação de Cidade Verde. Todo domingo havia a hora artística familiar às dez horas da manhã, o que era essa hora artística? Gente da terra, as senhoras pianistas, os homens tocadores de flauta, era o que o teatro representava na vida da gente, toda a espiritualização de Teresina (NASCIMENTO,1994)

O fragmento acima, a transcrição de uma entrevista rara que A. Tito Filho, concedeu ao artista e escritor piauiense Manoel da Cruz Nascimento na década de 1980. Ao ser questionado sobre a importância do Teatro 4 de Setembro, para a cidade de Teresina, A. Tito Filho recorda suas vivências e experiências relacionadas ao Teatro. Ao procurarmos compreender uma cidade, é preciso analisar os elementos que a compõem: ideias, símbolos, homens, sociedade. Cada cidade possui sua dimensão simbólica, aqui estudaremos uma Teresina a partir de um discurso literário.

Falaremos de memória, considerando que: “a memória é uma atualização permanente da experiência vivida” (CATROGA,2009,p.30) aqui, analisaremos os textos em que A. Tito Filho traz o Teatro como ponto central de cultura na cidade de Teresina. Tendo como ponto de partida o livro *Praça Aquidabã, sem número*, datado de 1975, que foi encomendado pelo governador Alberto Tavares Silva, para ser distribuído na reinauguração do Teatro, conta a história do Teatro 4 de Setembro “o antigo casarão da Praça Pedro II deve tornar-se palco de leitura, de observação,de comunicação...”. (TITO FILHO,1975,p.8)

O prefácio do livro foi escrito por Alberto Tavares Silva, governador do Estado no período, dando destaque à importância do Teatro 4 de Setembro para vida cultural da cidade afirma então que: “o Teatro 4 de Setembro entregue ao público em 1894, foi, durante longos anos, o ambiente festivo da vida teatral e literária da cidade”. (TITO FILHO,1975,p.8)

A. Tito Filho inicia sua narrativa dedicada a história do Teatro 4 de Setembro com a seguinte explicação:

Estas páginas são resultado de pesquisas feitas em um mês, apenas. Como se vê, pouco tempo houve para registro completo de todos os episódios que constituem a história do Teatro 4 de Setembro, inaugurado em Teresina nos últimos anos do século passado...De modo especial, por razão de justiça, dedico este livro a Alberto Tavares Silva, governador dos piauienses no período de 15-03-1971 a 15-03-1975. Se lhe falecessem os méritos do administrador de visão objetiva, que tanto construiu, com um conjunto de homens capazes- em seu favor estariam o extraordinário impulso ao desenvolvimento do processo cultural piauiense e o ressurgimento do Teatro 4 de Setembro, depois de longo período de inatividade e de seu quase estado de ruína. (TITO FILHO,1975,p.17-18)

É importante perceber a relação entre o lugar de fala de A. Tito Filho, o livro foi feito por encomenda do governador, com a intenção de se construir um documento que contasse a história do Teatro. A. Tito Filho havia sido nomeado secretário de cultura nos últimos meses de mandato de Alberto Silva. No texto a seguir, observamos a história de como o livro foi produzido, os detalhes e a “autopromoção” que o próprio A. Tito Filho, faz de si mesmo, ao escrever sobre as noites mal dormidas devido as pesquisas e devido a escrita e ainda destaca como a sua obra foi pioneira:

Era o último mês de 1974, quando Alberto Silva me nomeou Secretário da Cultura do Piauí. Pela Frente, eu contava com os meses de janeiro, fevereiro e a quinzena de março, pois a 15 deste último mês, ano de 1975, a administração do Estado passaria a Dirceu Arcoverde. Enfrentei problemas, ajudado de competentes e corretos auxiliares. Chegava ao fim a recuperação do Teatro 4 de Setembro, um dos notáveis serviços de Alberto Silva. Primeiros dias de fevereiro, Armando Basto, hoje o grande ausente, exigia da minha pequenez a história do Teatro. Encontrei tempo suficiente, nas noites indormidas. Nada existia sobre o assunto. Ao menos se sabia o motivo de ser chamado **4 de Setembro** a querida casa de espetáculos de Teresina. Mergulhei em velhos jornais. Em dez dias pude levantar dados e cumprir a severa incumbência. Passado o carnaval, segui para o Rio de Janeiro e editei o livro na gráfica do poeta Álvaro Pacheco. Nenhum tostão me foi pago. Hoje o Teatro tem dez mil historiadores. Todos me copiam e ao menos dizem de onde copiaram. E copiam mal. Teresina e as instituições possuem nos dias atuais uns vinte mil historiadores, quarenta mil poetas, e raros são os que citam as fontes verdadeiras da vida da capital piauiense: Clodoaldo Freitas, Monsenhor Chaves, Celso Pinheiro Filho, Romão da Silva e Josias Carneiro da Silva. **De mim, comecei a divulgar Teresina no seu passado romântico, feliz, alegre, bendito.** Volto ao Teatro. Com muito esforço e dedicação se organizou o belíssimo programa de reinauguração: Orquestra Sinfônica Nacional, corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, peça teatral de José Gomes Campos e atrações, como o cantor Gilberto Gil e o Madrigal Palestrina, do Rio Grande do Sul. Na bonita solenidade, cada convidado recebeu o livrinho **PRAÇA AQUIDABÁ, SEM NÚMERO**, resultado de minhas pesquisas noturnas e madrugadinas. Consegui a nomeação de Tarciso Prado como primeiro diretor da nobre casa, centro de imensas belezas do passado teresinense. (TITO FILHO, 1989, p.33)

A. Tito Filho relembra a Teresina de outros tempos, da infância, construindo símbolos sensíveis da cidade. Para a pesquisadora Ana Cristina Brandim, as lembranças são capazes de criar suas próprias cidades: “cidades submersas na memória... Mas estas estão a mercê do tempo e das mudanças empreendidas na materialidade do espaço, principalmente aquelas oriundas de projetos e propostas que visam à substituição de uma cidade por outra ou a reformulação/adaptação do espaço” (BRANDIM, 2011) No texto a seguir, A. Tito destaca o período em que o Teatro 4 de Setembro foi transformado em cinema:

Na meninice vadia, em 1933, comecei a frequentar o 4 de setembro,

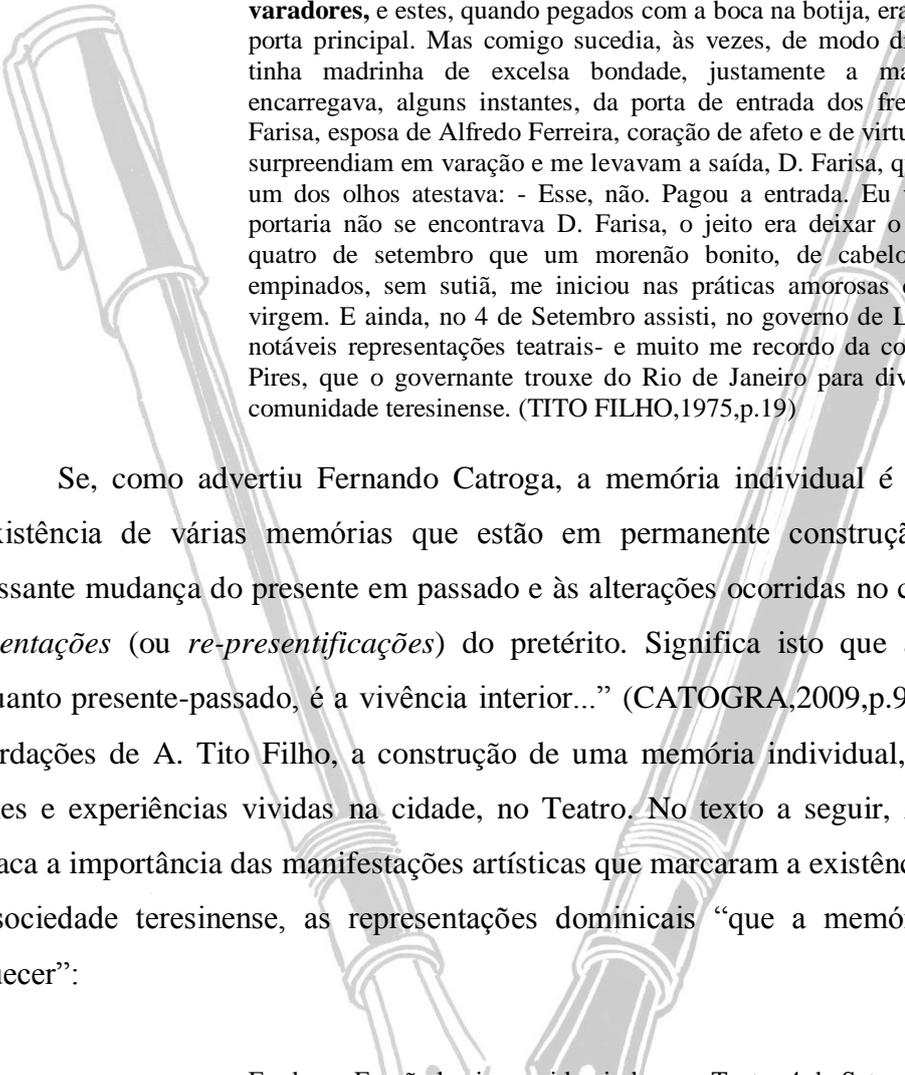
transformado em cinema. Novembro daqueles anos, Alfredo Ferreira, velho e bom amigo que o segredo da morte arrebatou, inaugurava o filme falado no velho casarão da atual Praça Pedro II. Se me lembro e quanto dos famosos seriados, dos primeiros filmes de Tarzan, dos terríveis padecimentos daquele que a imaginação de Dumas transformaria no rico, poderoso e vingativo conde de Monte Cristo, - e parece que ainda se fixam na memória, com nitidez espantosa, as **gags** de Oliver Hardy e Stan Laurel (o Gordo e o Magro) e o humorismo permanente do homem que não ria, Buster Keaton. Heróis e heroínas da infância, da adolescência e da mocidade, dum tempo que o tempo sepultou mas impossível que a lembrança possa sepultar. (TITO FILHO,1975,p.18)

O historiador Antônio Paulo Rezende afirma que a história é a construção da possibilidade, para ele, presente, passado e futuro misturam-se na tentativa de se construir nossas narrativas. Na história, não existe tempo linear e, sim, um profundo diálogo entre os três tempos, uma “simultaneidade avassaladora” (REZENDE,2010,p.25). Desta forma, temos aqui uma tentativa de utilizar as lembranças evidenciadas pelo autor como narrativas literárias da cidade em conexão com o seu tempo. A experiência literária traduzida nos textos de A. Tito Filho é compreendida como registros de uma vivência, social e coletiva; imagens e pensamentos que trazem referências efetivas de um tempo. No texto a seguir, A. Tito Filho recorda sobre como burlava a entrada no teatro, no ato em que ele nomeia “varar”, entrar o Teatro sem pagar:

Bem vivas as recordações dos dias em que o castigo paterno recusava o dinheiro semanal da diversão. Que fazer? Bolsos vazios, surgiria o moleque, igual aos outros pela mesma forma personificados: falta dos tostões para o reencontro dominical com artistas e bandidos cinematográficos de Hollywood. O jeito estava em **varar** o cinema e **varar** correspondia a atitudes de acrobata de circo: a gente saltava a grade de ferro do 4 de Setembro. Chegava-se à área arborizada. Daí a parede lateral eram poucos passos- e subia-se com a ajuda das saliências da construção até atingir as janelas do andar superior- sempre abertas por necessidade de ventilação- e facilmente se transpunha a grade. O cinema adquiria mais um frequentador sem pagamento dos 1 \$100 (mil e cem réis) de entrada. Tempo bom de meninice irresponsável.(TITO FILHO,1975,p.19)

O pesquisador Alessandro Portelli, ao dialogar sobre o uso da memória e da história oral, chama atenção sobre o respeito que devemos ter em relação fonte pesquisada, ao objeto pesquisado e sobre o ator principal da pesquisa. Neste caso, temos os textos escritos por A. Tito Filho e suas recordações sobre a cidade, sobre as vivências no Teatro. Portelli, afirma que “pessoas não são livros, não podem ser estudadas como livros nem sequer podem ser *colocadas* nos livros. Há uma relação complexa entre as pessoas, as histórias que contam, e os livros que lemos, que estudamos e que escrevemos” (PORTELLI,2010). No texto a seguir, A. Tito Filho

continua suas recordações sobre as entradas burladas no teatro e evoca novos personagens em suas lembranças, destacando a bondosa madrinha que o acobertava nas “varações” e seu encontro amoroso com “um morenã bonito, de cabelos negros e seios empinados”:



Alfredo Ferreira, o proprietário, mantinha fiscais para surpreender os **varadores**, e estes, quando pegados com a boca na botija, eram expulsos pela porta principal. Mas comigo sucedia, às vezes, de modo diferente, pois eu tinha madrinha de excelsa bondade, justamente a madrinha que se encarregava, alguns instantes, da porta de entrada dos frequentadores- D. Farisa, esposa de Alfredo Ferreira, coração de afeto e de virtude. Pois quando surpreendiam em varação e me levavam a saída, D. Farisa, quase a piscar-me um dos olhos atestava: - Esse, não. Pagou a entrada. Eu vi. - Quando na portaria não se encontrava D. Farisa, o jeito era deixar o cinema. Foi no quatro de setembro que um morenã bonito, de cabelos negros, seios empinados, sem sutiã, me iniciou nas práticas amorosas de bolinação de virgem. E ainda, no 4 de Setembro assisti, no governo de Leônidas Melo, a notáveis representações teatrais- e muito me recorro da companhia Álvaro Pires, que o governante trouxe do Rio de Janeiro para divertir e educar a comunidade teresinense. (TITO FILHO,1975,p.19)

Se, como advertiu Fernando Catroga, a memória individual é formada pela coexistência de várias memórias que estão em permanente construção “devido a incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das *representações* (ou *re-presentificações*) do pretérito. Significa isto que a recordação, enquanto presente-passado, é a vivência interior...” (CATOGRÁ,2009,p.98), temos nas recordações de A. Tito Filho, a construção de uma memória individual, marcada por nomes e experiências vividas na cidade, no Teatro. No texto a seguir, A. Tito Filho destaca a importância das manifestações artísticas que marcaram a existência do teatro e da sociedade teresinense, as representações dominicais “que a memória não pode esquecer”:

Era bom. Eu não havia nascido ainda e no Teatro 4 de Setembro teve início a HORA ARTÍSTICA FAMILIAR; uma beleza de programa, aos domingos. A 31 de julho de 1921, nessa última e mais gentil manifestação da arte entre nós, como dirigia Higino Cunha, a talentosa Durcila Batista, entre outras senhoras ilustres, interpretou A TRAVIATA no bandolim. Muitos outros espetáculos se seguiram. Depois outra denominação teve essa magnífica convivência espiritual da sociedade Teresinense: HORA DA ARTE, cujas representações dominicais, pelas dez da manhã, eu aplaudia e delas a **memória não pode esquecer**, tamanha a graça das garotas e a segura direção das senhoras participantes. Momentos impagáveis deixaram na gente saudades que só a morte tem o condão de apagar. Na minha lembrança permanente se encontram Maria Lúcia Pereira da Silva, Rolsida Brito, Amariles Carvalho, Aurora Fonseca...em 1934 dançaram e cantaram no Teatro meninas educadas e esbeltas...O velho Teatro ouviu a flauta de Agripino Oliveira, o violão de Alcides Gomes da Silva e o violino mágico de Moura Rego. Nele declamou Celso Pinheiro e Higino Cunha fez oratória de

homem culto. Era bom. A sociedade Teresinense possuía preocupações com a arte. A diversão de todos tinha o lado alegre, sadio, decente. (TITO FILHO,1989,p.98)

Para Jeanne Marie Gagnebin, lembrar é ter uma atenção precisa ao presente, “em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (GAGNEBIN,2006,p.55), este agir sobre o presente aparece com frequência nos textos de A. Tito Filho, no texto a seguir, observamos um passeio pela memória histórica do Teatro, a sua fundação, o seu abandono pelos poderes governamentais e a sua reforma na década de 1970:

Faz muitos anos vivo em Teresina. Para esta cidade vim nos meus oito anos de idade. Comecei a frequentar o Teatro 4 de Setembro em 1933, quando pelos esforços do interventor Landri Sales, teve início o cinema falado na capital piauiense, confiado aos irmãos Ferreira, Alfredo e Miguel. Adolescente, a velha casa de espetáculos representava a minha diversão predileta, os filmes de caubói e os de aventura. Nunca li coisa alguma sobre a história do Teatro, nem jornal, revista ou livro. Eram desconhecidos os fatos sobre essa entidade querida, dos Teresinenses, aqui e ali aleijada pelo desamor de alguns e ambições de outros. Inaugurado em 1894, o 4 de Setembro tinha, de ambos os lados, áreas arborizadas e cercadas de grades de ferro. Serviam à ventilação e facilitariam o escoamento das pessoas, em caso de incêndio. Pois bem. No primeiro centenário da cidade, em 1952, arrendou-se a área da direita, que, derribada, cedeu lugar a um restaurante, transformado em boteco de cachaçadas com o andar do tempo. Liquidou-se a área do outro lado e nela se ergueu uma construçãozinha de dois pavimentos: no de baixo, venda de guloseimas, no superior, jogatina dia e noite. O Progresso, quantos crimes se cometem em teu nome? Em 1970, já que não era possível frequência ao Teatro. Dele se afastaram senhoras e senhoritas. Insuportável fedentina. Cadeiras quebradas. Desrespeitos da molequeira presente aos filmes constantes de faroeste. O primeiro governo de Alberto Silva enfrentou o problema. Havia necessidade de que o velho Teatro voltasse a ser o centro da vida artística dos teresinenses. Retornar-se-ia passado, numa meritória homenagem aos antepassados, aos que alegraram as inesquecíveis noites teresinenses de outrora. (TITO FILHO,1989,p.32)

A história enquanto estudo, produção de conhecimento e análise é capaz de desvendar marcas e significados, tendo a diversidade de fontes como principal intermediário “há, entretanto, um conjunto de especificidades relativas ao trabalho com cada uma dessas fontes, indissociáveis de uma série de problemas técnicos e mesmo teóricos que remetem o historiador a um constante diálogo interdisciplinar” (MONTENEGRO,2006,p.27-42), desta forma, trabalhamos com a relação entre cidade e literatura, empregando como elemento mediador, a produção escrita de um homem das letras, que se autoafirma enquanto produtor de conhecimento e cultura.

Para Roger Chartier “é no testemunho da memória, na recordação da testemunha, que a história encontra a certeza na existência de um passado que foi, que já não é mais e que a operação historiográfica pretende representar adequadamente no presente” (CHARTIER,2011,p.117). Utilizamos textos escritos por A. Tito Filho que trazem a memória como ponto de partida para vivenciar a cidade, o teatro, a Teresina que também é literatura.

Adentrando na Teresina descrita por A. Tito Filho, podemos compreendê-la de uma maneira literária, uma cidade descrita de forma mais delicada e poética, fazendo o leitor sentir vontade de conhecê-la e habitá-la. Ítalo Calvino observa: “de uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá as nossas perguntas” (CALVINO,1990)

A. Tito Filho expôs as sensações, foi revelador de sentimentos e sensibilidades e depositário da memória (MATOS,2007,p.165), a cidade de Teresina é fonte de memória e suas imagens interagem numa teia de relações cotidianas. Toda cidade possui suas imagens e suas metáforas. Observamos o teatro como um dos símbolos da cidade pulsante e vivenciada por A. Tito Filho, traçando assim as trilhas que redefiniram suas relações sociais, o cotidiano, que revela como o habitante da cidade se vê e como se organiza para viver. Antônio Paulo Rezende afirma que a cidade é vítima dos desatinos dos que se perdem na dimensão do tempo (REZENDE,2008,p.50), A. Tito Filho ao trazer o Teatro como símbolo de Teresina, também se perde no tempo ao relembrar a trajetória do Teatro, enquanto cinema, enquanto espaço de abandono e espaço de reformas para novas vivências.

FONTES E REFERÊNCIAS

1. Fontes Hemerográficas

100 ANOS DE TEATRO 4 DE SETEMBRO. Direção: Grupo Harém de Teatro.

Produção: Maneco Nascimento. Teresina, 1994.

A. TITO FILHO, o enamorado da cidade. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 4, 3 set. 1974.

BASÍLIO, Armando. Caderno de anotações. *Jornal do Piauí*, Teresina, p. 2, 4 set.1974.

2. Referências

ANDRADE, José Maria Vieira de. Fantasmagorias do tempo e da cidade: história e experiência urbana na produção intelectual de O. G. Rêgo de Carvalho. In: OLIVEIRA, Marylu Alves; SILVA, Mairton Celestino da. (Orgs.). *Histórias: do social ao cultural, do cultural ao social*. Teresina: EDUFPI, 2015.

BALABAN, Marcelo. Memórias de um demônio aposentado: literatura e vida literária em Bastos Tigre. In: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Sousa; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2005.

BARTHES, Roland. *Semiologia e urbanismo*. Tradução de Murillo Mendes. Nova York: Hill and Wang, 1988.

BRANDIM, Ana Cristina Meneses de Sousa. Escrita dos movimentos interiores: escrita de si e construção de uma trajetória de intelectualidade e distinção em A. Tito Filho (1971-1992). Recife: UFPE, 2012. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil). UFPE. 2012.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. *Espaço e Debate*, São Paulo, n. 34, p. 10-15, 1991.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

CHARTIER, Roger. A força das representações: história e ficção. João Cezar de Castro Rocha (Org.) Chapecó, SC: Argos, 2011.

CHARTIER, Roger. Debate: literatura e história. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999.

CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

DECCA, Edgar Salvadori de. História, acontecimento e narrativa. In: *Cidade, história e memória*. EDUFPI.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. 2009. Tese (Doutorado em história) – Universidade Federal de Pernambuco, Cidade, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais, do tema ao problema. *Ipotesi*, Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora, v. 3, n. 2. p. 19-30, 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História e memória: combates pela história. *Históriaoral*, Revista da Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro v. 10, n. 1, jan-dez. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do Imaginário Urbano. In: *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho: os caminhos do imaginário urbano In: *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. 2. ed. Rio Grande do Sul: Ed. da UFRGS, 1999.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARTE, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. Cidade e modernidade: registros históricos do amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. In: MONTENEGRO, Antonio Torres... et al. *História: cultura e sentimento: outras histórias do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

REZENDE, Antônio Paulo. *Ruídos do efêmero: histórias de dentro e de fora*. Recife: Ed. UFPE 2010.

TITO FILHO, A. *Teresina, meu amor*. Teresina: COMEPI, 1973.

TITO FILHO, A. *Praça Aquidabã, sem número*. Teresina: Artenova, 1975.